

7 Conclusão

7.1 Questões abordadas

O objetivo desta investigação foi descrever e compreender a dinâmica dos conflitos entre professor/alunos e colegas/colegas em sala de aula. A pesquisa foi realizada em aulas de ciências exatas e de nível superior; no entanto, é possível estender os resultados para outros tipos de aula, assim como para outro tipo de grupo em que haja uma autoridade reconhecida pelos participantes para conduzir as atividades.

Em primeiro lugar, ficou evidenciado que **diferentes interpretações acerca da função dos alinhamentos assumidos pelos participantes podem deslançar conflitos**. Um exemplo de leituras díspares acerca da metamensagem do alinhamento decorre do fato do aluno não reconhecer que a brincadeira do professor pode também ser uma forma de estabelecer limites em aula. Outro exemplo de diversidade de interpretações dos alinhamentos é quando o professor não consegue entender que o alinhamento confrontador, agressivo do aluno em relação a ele pode conter a metamensagem “preciso de ajuda”; o fato de interpretar perguntas genuínas como de conteúdo manipulativo seria outro exemplo de leituras díspares.

Um segundo ponto a ser destacado são as situações em que **os alinhamentos contraditórios dos participantes acabam criando relações paradoxais**. Um dos paradoxos encontrados foi o da confrontação: o aluno confronta para pedir ajuda, mas quanto mais confronta, menos ajuda tem. Ao não ser ajudado, persiste com seu alinhamento confrontador e cria-se, assim, um círculo vicioso que somente pode ser quebrado com a compreensão, por parte de um ou de ambos participantes envolvidos, de que existe uma mensagem latente de pedido de ajuda no ato de confrontar. Embora existam, nas salas de aula, alunos que confrontam pelo simples prazer de confrontar, existem outros tipos de alunos que confrontam para pedir atenção e ajuda. Perceber que existem estes distintos

tipos de comportamentos ajuda o professor no gerenciamento de conflitos na sua sala de aula.

Todo professor já teve alunos que se destacaram academicamente em sala de aula. Muitas vezes esses alunos, por serem brilhantes intelectualmente, querem ser dispensados de certas atividades da aula, como por exemplo da realização de exercícios. Lidar com esse tipo de aluno exige cuidado e atenção por parte do professor. Pelo fato de dar ao aluno um tratamento diferenciado, o professor inevitavelmente estará colocando o resto da turma em segundo plano. Esta atitude poderá provocar sentimentos de menosvalia ou de desvalorização em outros alunos. Então, a *face* do grupo pode ficar ameaçada criando condições de conflito entre professor e alunos. Por outro lado, ao dispensar um aluno de alguma atividade, o professor poderá estar passando a mensagem de que sua matéria tem pouco valor e não requer maiores esforços dos alunos. Assim, tratamento especial para certos alunos acaba criando comunicações paradoxais.

Falta de comunicação ou falha na interpretação das pistas de contextualização no discurso dos participantes também geram paradoxos. O fato do professor posicionar alunos bons academicamente, mas introvertidos, como o foco das atenções cria um tipo de impasse, pois quanto mais o aluno quer ficar quieto, mais o professor ressalta a sua presença. Conscientizar o professor de que a *face* deste aluno está em jogo, e que algum conflito pode surgir a partir disto, parece ser também relevante para a prática do professor.

Em terceiro lugar, verificou-se que a existência de uma relativização da assimetria, introduzia uma fluidez maior em termos de mudança de enquadres e alinhamentos e de vários pisos conversacionais operando simultaneamente. Isto é, quando o professor constrói uma relação mais simétrica entre ele e os alunos é possível encontrar momentos de maior descontração, momentos em que pode haver uma ruptura do discurso padrão **e em que podem aparecer o humor, a agressividade, e em última instância os conflitos.**

Em quarto lugar, **as diferentes expectativas em relação à aula também podem ser fonte de conflitos.** Existem alunos que precisam da interação com o professor para construir conhecimento. Para outros, a interação com o professor na aula presencial não tem tanto valor. Estas distintas preferências, que podem ser atribuídas ao fator experiência, maturidade, ou interesse no assunto, muitas vezes

provocam desentendimentos entre colegas. É desta forma que as diferentes expectativas em sala de aula informam os enquadres de conflito.

Em quinto lugar, existem **conflitos em relação ao programa do curso**. Muitas vezes professores e alunos se deparam com dificuldades impostas pelo conteúdo do curso. Estas dificuldades podem dizer respeito a ajustes do programa pelo professor para adaptá-lo às capacidades dos alunos. Estes ajustes se baseiam na própria experiência do professor no ensino daquela matéria e na sua expectativa sobre a disponibilidade do tempo dos alunos para estudar para aquela disciplina. Os conflitos vividos pelo professor foram descritos neste estudo como resultado dos papéis duplos e contraditórios entre querer assumir uma postura de mediador (em favor dos interesses dos alunos) e uma postura de negociador (em favor dos requerimentos do currículo acadêmico). Neste sentido, o professor vive o dilema entre as exigências do programa e o nível acadêmico dos alunos, e precisa encontrar soluções que atendam as limitações dos alunos, mesmo recorrendo a métodos criticados de ensino, como a memorização.

As conseqüências trazidas por um currículo acadêmico que os alunos não têm condições de assimilar acabam aparecendo na forma de conflitos. O manejo do programa por parte do professor para adaptá-lo ao nível cognitivo dos alunos aparece na forma de alinhamentos ambíguos, como, por exemplo, a necessidade de copiar anotações para entender a matéria em determinado momento, e a comunicação simultânea de que o entendimento só vai ocorrer no futuro. O alinhamento ambíguo provoca desconfiança nos alunos, alimentando a desmotivação em querer estudar e participar das atividades na aula. Os alunos expressam os seus conflitos em relação ao programa do curso questionando o propósito das tarefas realizadas de várias maneiras: de forma agressiva, mas numa postura submissa, ou de forma irônica, mas numa postura resistente.

O sexto aspecto diz respeito ao fato de os **enquadres de conflito serem uma oportunidade para que os participantes possam se auto conhecer e conhecer melhor os outros**. Os conflitos são movimentos importantes que ajudam os participantes envolvidos a entrarem em contato com seus sentimentos, suas idéias e seus alinhamentos. Também fazem com que se construam novas relações e se consolide a aprendizagem da convivência social.

Um sétimo ponto resultado da análise nesta investigação é que o **enquadre de conflito pode ser um quadre pedagógico, na medida em que por meio de discussões, ou conversas com teor mais agressivo está-se construindo conhecimento**. Quando os alunos podem ter voz, e os conflitos são a voz dos alunos, o professor toma conhecimento de que algo não está funcionando em sua aula e que precisa ser investigado, analisado e atendido. Este é o lado positivo, revelador e útil dos conflitos em sala de aula: providenciam uma chance para que haja mudança. O conflito, quando aparece, desorganiza um padrão interacional. A reestruturação deste desarranjo é o que chamamos de transformação. Esta transformação pode criar condições para que professores e alunos progridam com seus objetivos pedagógicos em sala de aula.

Em último lugar, foi verificado neste estudo que os conflitos tendem a **ressurgir** quando não são resolvidos pelos participantes envolvidos nessas interações. A cada reincidência de enquadres de conflitos, novos dados aparecem, permitindo aos participantes entenderem melhor a questão motivadora de conflito. **A mudança repetitiva de quadres pode indicar que existe um conflito que precisa ser olhado e cuidado.**

Os oito pontos descritos acima salientam a complexidade envolvida nas relações entre os indivíduos em sala de aula. Este trabalho é uma tentativa de desmistificar a idéia de conflito de seu valor cultural de negatividade. A pesquisa mostra como mesmo vivenciando conflitos, é possível produzir conhecimento, construir autoconhecimento, construir novas relações, resolver impasses e promover a mudança. A construção desta nova realidade, deste novo olhar sobre os conflitos pode ajudar no entendimento no difícil diálogo entre professores e alunos.

7.2 Os múltiplos olhares na investigação

O desafio da pesquisa qualitativa e etnográfica é considerar os múltiplos olhares dos participantes para poder descrever e analisar a cena da investigação etnográfica. Para compreender como se estruturam as instâncias de comunicações percebidas como contraditórias ou paradoxais, foi importante conferir, a posteriori, a análise feita pela autora deste estudo com as interpretações do professor, dos alunos protagonistas e de seus colegas. Após as gravações, as

explicações ou interpretações dos participantes sobre as suas intervenções muitas vezes não coincidiram com as da observadora externa. Por exemplo, a relação considerada como agressiva entre participantes em sala de aula, na verdade representa também *rapport*, ou o alinhamento provocador de um aluno frente ao professor também significa um pedido de atenção; ou mesmo a colocação de certo aluno em posição de destaque tem, para o professor, outra conotação. Em outras palavras, foi realizada uma *descrição densa* baseada numa triangulação metodológica inspirada na interpretação de Shanon (1999) do quadro *Las Meninas* de Velázquez.

7.3

Contribuições para a área e para futuras pesquisas

A contribuição deste trabalho foi repensar como os conflitos em sala de aula podem ser considerados movimentos valiosos na construção de conhecimento e na educação de indivíduos. Nas palavras de Fabrício (1996:206), “é preciso recuperar a noção de que ensinar não é só transmitir conhecimentos, mas é, também, educar”. Acrescenta-se a estas ponderações que para educar é preciso saber como lidar com os conflitos que emergem na sala de aula.

Esta pesquisa pode interessar a professores de outras áreas, não apenas professores universitários que ensinam no curso de informática. Será importante estender este estudo e examinar micro etnograficamente, com base na teoria de enquadres, **o problema do bullying⁵¹ em sala de aula** (Ma, 2001; Hazler & Miller, 2001). O *ciclo bully-vítima* envolve gênero, condições afetivas, o espaço físico da escola, a disciplina na sala de aula, entre outros. Um dos questionamentos realizados hoje em dia é até que ponto o *bully* também é vítima. Julga-se importante estudar esse fenômeno tão comum em sala de aula pois é bem conhecido que este tipo de relação tende a prejudicar o aluno em nível acadêmico, psicológico e social. Esse tipo de estudo pode ajudar o professor a identificar e diferenciar os enquadres de *bullying* de enquadres apenas provocadores ou humorísticos. Esse desafio é importante para o educador.

A metodologia adotada na presente pesquisa, que inclui a utilização de diferentes fontes para efetuar a coleta de dados, pode também ser uma metodologia produtiva a ser aplicada na **prática de formação e supervisão de**

⁵¹O ato de intimidar, atormentar, maltratar alguém fisicamente e/ou psicologicamente.

professores nos cursos de línguas, nas escolas ou nas universidades. Esta metodologia segue os mesmos preceitos que permeiam a prática da *supervisão clínica*, abordagem calcada na idéia de que o professor deve ter uma participação ativa na análise de dados de sua aula ao discutir sua prática com o supervisor (Stoller, 1996; Freeman, 1982; Acheson & Gall, 1992). Resgatar o olhar e a voz do professor ajudaria a desvendar as lógicas dos comportamentos dos integrantes da sala de aula, beneficiando, conseqüentemente, o desenvolvimento profissional do professor.